

FICÇÃO CIENTÍFICA, CONHECIMENTO E NOVOS IMAGINÁRIOS ÉTICO-POLÍTICOS: UMA ANÁLISE DA DUOLOGIA *MONGE E ROBÔ*, DE BECKY CHAMBERS

ARBO, Jade Bueno¹
MARQUES, Eduardo Marks de²

RESUMO: Este trabalho explora a visão esperançosa de futuro retratada na duologia 'Monk and Robot' de Becky Chambers, lançada pela Tor Books entre 2021 e 2022. Seguindo Dex, um monge do chá, e Mosschap, um robô, enquanto exploram a sociedade de Panga, a narrativa incita reflexões sobre práticas tecnológicas sustentáveis, contrastando o capitalismo industrial tradicional com filosofias de decrescimento e renovação de recursos. A adoção de energia renovável, agricultura vertical e tecnologia não descartável por parte de Panga expressa uma ruptura com as normas industriais extrativas, defendendo uma coexistência harmoniosa com a natureza. A discussão se baseia no estudo de William Marx em "O Ódio à Literatura" (2018), que destaca a marginalização histórica da literatura e seu potencial para oferecer insights produtivos sobre questões contemporâneas. Respondendo a essa marginalização, o trabalho destaca o papel da literatura em fomentar novos entendimentos imaginativos do passado, presente e futuro. Ao utilizar o conceito de SF de Donna Haraway e a noção de romance como uma bolsa de remédios de Ursula K. Le Guin, lemos a duologia Monk and Robot como uma ferramenta poderosa para criticar e remodelar realidades pós-calamidade. Ao incentivar os leitores a imaginar alternativas aos modos de consumo predominantes, a narrativa destaca o potencial transformador da literatura na formação de novos paradigmas para uma vida sustentável e para o bem-viver.

PALAVRAS-CHAVE: ficção científica; bem-viver; Becky Chambers

SCIENCE FICTION, KNOWLEDGE, AND NEW ETHICAL- POLITICAL IMAGINARIES: AN ANALYSIS OF THE *MONK AND ROBOT* DUOLOGY BY BECKY CHAMBERS

¹ Doutoranda em Literatura, Cultura e Tradução pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). jade.arbo@ufpel.edu.br

² Doutor em Australian Literature and Cultural History pela University of Queensland. Professor Associado III no Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). eduardo.marks@ufpel.edu.br

ABSTRACT: This paper delves into the hopeful vision depicted in the 'Monk and Robot' duology by Becky Chambers, released by Tor Books between 2021 and 2022. Following Dex, a tea monk, and Mosschap, a robot, as they explore Panga's society, the narrative prompts reflections on sustainable technological practices, contrasting traditional industrial capitalism with philosophies of degrowth and resource renewal. Panga's adoption of renewable energy, vertical farming, and non-disposable technology signifies a departure from extractive industrial norms, advocating for a harmonious coexistence with nature. The discussion draws on William Marx's insights in 'The Hatred of Literature' (2018), which highlights literature's historical marginalization and its potential to offer unique insights into contemporary issues. Responding to this marginalization, the paper underscores literature's role in fostering imaginative understandings of past, present, and future. Leveraging Donna Haraway's concept of SF and Ursula K. Le Guin's notion of the novel as a medicine bundle, we read the Monk and Robot duology as a powerful tool for critiquing and reshaping contemporary realities. Encouraging readers to envision alternatives to prevailing modes of consumption, the narrative underscores literature's transformative potential in shaping new paradigms for sustainable living well-being.

KEYWORDS: Science fiction; *ben-vivir*; Becky Chambers

Introdução

“Do que os humanos precisam?” Essa é a pergunta que permeia, sem resposta, a duologia *Monge e Robô*, da autora norte-americana Becky Chambers. No decorrer das duas novelas que compõem a duologia, *A psalm for the wild-built* (2021) e *A prayer for the crown-shy* (2022), constrói-se um diálogo entre humano que abandona a cidade em direção à floresta, e máquina que faz o caminho inverso, abandonando a floresta para ir ao encontro dos povoados, vilarejos e cidades, conhecendo e questionando as formas de vida que encontra. Esse diálogo, em um encontro de diferenças radicais e semelhanças inesperadas entre a vida humana das cidades e a vida robótica das regiões selvagens, faz da vida em Panga, a lua que é cenário dessa peregrinação, objeto de contemplação e análise tanto para os personagens dessa narrativa quanto para o leitor.

A Panga que conhecemos no presente da narrativa é hoje uma lua verdejante, e a vida humana existe a partir da constante atenção à manutenção de uma convivência harmoniosa com as outras formas de vida que a cercam. Seu único continente encontra-se dividido ao meio: 50% do território foi designado para uso humano, e o restante, ainda que carregue em si as ruínas

das antigas fábricas que marcaram o período mais sombrio da história desse território, foi entregue às outras espécies e é, hoje, inviolável.

Ao percorrermos as estradas de Panga na companhia de um robô que leva o nome do cogumelo *Hygrocybe splendidissima*, Splendid Speckled Mosscap, e Dex, humane mongie do chá³, somos apresentados a um mundo aparentemente perfeito, que parece ter resolvido todos os seus problemas ambientais e aprendido as lições de seu quase colapso na chamada Era das Máquinas. Seguindo o pedalar de Dex em sua *ox-bike*, uma bicicleta que combina energia fotovoltaica e esforço humano para funcionar, entramos em contato com uma miríade de soluções tecnológicas para os problemas ambientais gerados pela industrialização desenfreada, e somos capazes de observar as formas como essas soluções pararam e reverteram o colapso ambiental dessa lua.

O que faz a ficção científica de Becky Chambers ao nos apresentar esse aparente paraíso? O que essa visão de um planeta que parece ter superado desafios que se impõem de forma mais urgente a nós, humanos do planeta Terra, tem a oferecer aos leitores da segunda década do século XXI, imersos no terror climático e na vulnerabilidade pandêmica? Responder a tais perguntas nos leva a pensar a literatura para além da fruição desprovida de potência e de resultados: leva-nos a pensá-la como potência em si, como ato. Assim, buscaremos compreender o que essa literatura produz no encontro do leitor com o mundo aparentemente perfeito de Panga, e a forma como a duologia *Monge e Robô* é capaz de agir sobre o leitor facilitando reflexões que acabam por gerar um certo tipo de conhecimento.

Ao perguntar “O que os humanos precisam?” para uma sociedade que tem todas as suas necessidades atendidas e receber, no decorrer de sua jornada, respostas conflitantes, Mossap, o “corpo estranho” naquele ambiente, surpreende e desestabiliza tanto os humanos de Panga, quanto o leitor, que se pergunta também o que pode haver de desejo em um mundo que é pleno em seu bem-viver.

É nossa hipótese que a ficção científica em particular, e a literatura no geral, é capaz de produzir, através do encontro leitor-obra, algo passível de se chamar de “conhecimento”, um tipo de saber que se difere do saber científico, mas que é produtivo na medida em que expande imaginários sobre o que é necessário, o que é desejável, o que é possível. Nesse sentido, para além de fruição e escapismo desprovido de potência, a duologia de Chambers articula-se, no

³ Dex é uma pessoa não binária. Por isso, ao me referir a essa personagem, utilizarei a linguagem neutra de gênero conforme apresentada por Cassiano (2019).

seu diálogo com o leitor, em uma epistemologia do bem-viver, um convite a repensar os valores que guiam nossas formas de vida, e no que se configuram as nossas reais necessidades.

Para compreendermos tal encontro entre literatura e conhecimento e nos aproximarmos da discussão acerca do bem-viver em *A psalm for the wild-built* (2021) e *A prayer for the crown-shy* (2022), primeiramente examinaremos, a partir do trabalho de William Marx (2018), a ilusão da dicotomia entre Literatura e Ciência, bem como a capacidade da literatura para produzir conhecimentos e formas de pensar.

Em seguida, pensaremos com Donna Haraway (2016) e Ursula Le Guin (2019) a Ficção Científica como ferramenta de expansão de imaginários, como ferramenta de contar outras histórias que possibilitam outros mundos. A partir dessas concepções de literatura e do que pode a literatura, partiremos para a análise da duologia de forma a pensar seu conteúdo especulativo como uma espécie de conhecimento sobre o bem-viver, defendendo que a narrativa age de forma epistemológica a fim de expandir não apenas o que se sabe, mas o que se é capaz de imaginar.

Conhecimento e literatura: livros como ferramentas

Como enquadramento para a discussão que propomos e como uma forma de localizar o que está em jogo nesta análise – a saber, uma forma de entender a literatura não apenas como fruição e escapismo, mas como produtora de conhecimento valioso sobre o nosso presente, sobre o que é possível e o que é imaginável – olharemos para a análise de William Marx (2018) sobre a dificuldade de definição da literatura e como “Literatura” e “o literário” toma a forma de uma negatividade tanto por definir-se pelo que não é quanto por, em cada binômio que forma, acabar sendo aquele menor valorado.

Marx (2018) argumenta que a literatura vem sendo construída a partir do discurso antiliterário, que nega à literatura o acesso aos domínios da autoridade – para colocar outras autoridades no lugar da literatura –, da verdade – pois a literatura não teria valor nenhum comparada à ciência –, da moralidade – a literatura representa um perigo a todo o tipo de norma –, e da sociedade – autores de textos literários não podem ser sujeitos localizados e falar do seu lugar social (MARX, 2018, p. 4).

No decorrer de *The Hatred of Literature* (2018), Marx analisa cuidadosamente esses quatro litígios contra a literatura, quatro alegações, acusações que se utilizam da literatura como contraponto àquilo que se busca enaltecer. Para os propósitos desta análise, nos interessa

especificamente a relação entre literatura e ciência, e a forma como a ciência se define por não ser ficção, por não ser “mentira”, por não ser relativa e subjetiva, todas as qualidades (ou defeitos) que seriam transferidos, então, para o pólo negativo do binômio: o literário.

Para discutir o julgamento da Verdade contra a literatura, Marx (2018) coloca em cena o famoso ensaio de Charles Percy Snow, sob o título de *The Two Cultures and the Scientific Revolution* (1961), o qual ecoou muito do sentimento antiliterário da época ao fazer uma divisão entre uma “cultura científica” e o que ele denominou como “cultura tradicional”. Ao criar esse binômio, Snow (1961) diagnostica um abismo entre a comunidade científica e quem ele chama de “intelectuais literatos”. Esses literatos seriam a fonte disso que concebe como “cultura tradicional”, hoje conhecida como o campo mais geral das “humanidades” ou “ciências humanas”.

Essa divisão, no entanto, não é simétrica. Marx (2018) salienta que não é o caso de Snow delinear a existência de duas culturas separadas, mas que devem aprender uma com a outra para que se tenha uma cultura mais unificada e de forma a permitir a participação de uma mesma pessoa em diferentes esferas da produção de conhecimento. Embora esse possa parecer o objetivo de Snow no início de sua análise, à medida que reforça a dicotomia entre ciência e literatura, entre cultura científica e cultura tradicional, ele o faz de forma a elevar uma em detrimento da outra.

Snow (1961), em seu ensaio, faz alusão às conversas que tinha com seus colegas cientistas para demonstrar como ambas as culturas – a científica e a “tradicional”, literária – estão afastadas uma da outra, e chama atenção para uma troca específica com um sujeito que, por sua bravura, Snow chama de herói. Snow teria perguntado a ele quais livros ele lia, e teria recebido a seguinte resposta: “Livros? Prefiro usar meus livros como ferramentas⁴” (p. 14). Sobre isso, Snow (1961) observa: “Foi muito difícil não deixar a mente vagar – que tipo de ferramenta seriam os livros? Talvez um martelo? Um instrumento primitivo de escavação?⁵” (p. 14).

A anedota de Snow parece ilustrar o desdém dos cientistas quanto à cultura tradicional, ou seja, quanto à literatura. Mas Snow justifica: cientistas não seriam grandes leitores não porque não têm interesse na vida social e moral – ele salienta que, inclusive, cientistas seriam

⁴ Tradução nossa. No original: “Books? I prefer to use my books as tools.”

⁵ Tradução nossa. No original: “It was very hard not to let the mind wander - what sort of tool would a book make? Perhaps a hammer? A primitive digging instrument?”

o grupo de intelectuais com o melhor senso moral que há, afinal, existiria “um componente moral no cerne da ciência em si”⁶ (p. 14). Segundo Snow (1961):

Não é que lhes faltam os interesses. É muito mais que o todo da literatura da cultura tradicional não lhes parece relevante aos seus interesses. Eles estão, é claro, completamente errados. Como resultado, sua compreensão imaginativa é menor do que poderia ser. Eles estão autoempobrecidos.⁷ (p.14-15)

No entanto, o empobrecimento do outro lado, do lado da cultura tradicional, era ainda mais intenso, pois, segundo Snow, além de desconhecem as ciências da mesma forma que os cientistas desconhecem a literatura, os intelectuais literatos se orgulhariam de sua ignorância. Snow prossegue (1961):

[Os literatos] ainda gostam de fingir que a cultura tradicional é o todo da “cultura”, como se a ordem natural não existisse. Como se a exploração da ordem natural fosse algo sem interesse, seja pelo seu próprio valor ou por suas consequências. Como se o edifício científico do mundo material não fosse, em sua profundidade intelectual, complexidade e articulação, *o trabalho coletivo mais belo e maravilhoso conhecido pelo homem*.⁸ (p. 15, grifos nossos).

Por um lado, então, cientistas deixam de desenvolver sua compreensão imaginativa tanto quanto poderiam; por outro, os literatos deixam de conhecer o mais belo e maravilhoso edifício erigido pela humanidade: a ciência.

Vemos aqui a literatura ocupar um lugar de subserviência no relato de Snow (1961), que prossegue em seu ensaio descrevendo a cultura científica como otimista, racional, como abraçando o futuro e os ideais de progresso, enquanto a cultura literária é relativista, sentimentalista, nostálgica por um passado pré-revolução industrial, aversa àquilo que é novo, e como possuindo uma retórica anticientífica.

⁶ Tradução nossa. No original: “a moral component right in the grain of science itself”.

⁷ Tradução nossa. No original: “It isn't that they lack the interests. It is much more that the whole literature of the traditional culture doesn't seem to them relevant to those interests. They are, of course, dead wrong. As a result, their imaginative understanding is less than it could be. They are self-impoverished.”

⁸ Tradução nossa. No original: “They still like to pretend that the traditional culture is the whole of 'culture', as though natural order didn't exist. As though exploration of the natural order was of no interest either in its own value or its consequences. As though the scientific edifice of the physical world was not, in its intellectual depth, complexity and articulation, the most beautiful and wonderful collective work known to man.”

A análise de Marx (2018) sobre esse ensaio salienta a associação que Snow faz da masculinidade à categoria por ele mais valorizada, o científico, enquanto o literário é feminizado. Essa é mais uma ilustração dessa valoração diferencial, atribuindo virtudes das mais elevadas aos cientistas, virtudes essas das quais a comunidade da “cultura tradicional” – as ciências humanas em geral e a área da Literatura em específico – é privada pelo que Snow aponta como orgulho e vaidade.

Na avaliação de Marx (2018):

O mais interessante sobre esse episódio é o sucesso global o qual a proposta de Snow encontrou nos meses que se seguiram a sua palestra, a despeito de todas as suas aproximações, simplificações, absurdos e inverdades. É como se o mundo estivesse esperando exatamente por isso: um discurso opondo radicalmente princípios literários e princípios científicos e elevando este em detrimento daquele. (...) Dotada de uma verdade e uma efetividade que faltava à literatura, a ciência havia vencido de uma vez por todas. Esse credo era a coisa mais vastamente compartilhada do mundo, e Snow era seu profeta⁹. (p. 67-68)

A literatura parecia ter se provado incompatível com o progresso, com a produção de conhecimento e com o melhoramento efetivo, material e moral da vida humana na terra. Esse lugar seria, dali para frente, da ciência, e a literatura seria usada como depósito de tudo aquilo que a ciência não era.

Uma crítica contundente à posição de Snow vem em 1962 com a resposta de Frank Raymond Leavis, que defende uma reflexividade específica da literatura que não pode ser substituída pela ciência (MARX, 2018). Segundo Marx (2018), Leavis reconheceu que, de fato, a ciência ajuda a tornar nossas ações mais fáceis e eficazes, mas é incapaz de pensar sobre o propósito dessas ações. Seria, portanto, impossível comparar ciência e literatura, ou ignorar a importância da literatura para a vida social. A criação do mundo humano, incluindo a linguagem, não seria, para Leavis, algo que poderíamos apontar na história como um feito passado, uma materialidade ou uma descoberta:

⁹ Tradução nossa. No original: “The most interesting thing about this episode is the global success with which Snow’s proposition was met in the few months following the lecture, despite all its approximations, oversimplifications, absurdities, and untruths. It is as if the world had been waiting for exactly that: a discourse radically opposing literary principles and scientific principles and elevating the value of the latter at the expense of the former. (...) Endowed with a truth and an effectiveness that literature was lacking, science had won, once and for all. This creed was the most widely shared thing in the world, and Snow was its prophet.”

É no estudo da literatura (...) que se vem a reconhecer a natureza e prioridade de um terceiro reino (...), o reino daquilo que não é nem meramente privado e pessoal, nem público no sentido de que pode ser trazido ao laboratório e apontado. Não se pode apontar para um poema; ele está “lá” apenas na resposta re-criativa de mentes individuais às marcas pretas na página. No entanto – e isso é uma fé necessária – é algo na qual mentes podem se encontrar.¹⁰ (LEAVIS, 1962, p. 303 *apud* MARX, 2018, p. 73)

A literatura seria, portanto, para Leavis, ao invés de o reino da objetividade, o reino da intersubjetividade, onde mentes se encontram e na qual é baseada a possibilidade da vida pública.

O conhecimento que a literatura produz, portanto, seria um conhecimento de outra natureza, um conhecimento intersubjetivo, um conhecimento da vida social e, sendo assim, é possível que seja, como havia dito o herói de Snow, uma ferramenta. Essa ferramenta, no entanto, não é um instrumento primitivo de escavação ou um martelo, como teria ponderado o autor, mas sim uma ferramenta epistemológica potente. Ao propor mundos, a literatura permite o tipo de educação imaginativa cuja importância o próprio Snow havia reconhecido. Age sobre o mundo, assim, em outros termos: nos termos próprios desse objeto elusivo que é o literário.

Ficção Científica como uma bolsa: mudar histórias para mudar a História

Em seu livro *Staying with the trouble* (2016), a filósofa Donna Haraway se coloca a tarefa de pensar como encarar o desafio de viver e morrer com responsabilidade em um planeta e uma sociedade tão danificados como os nossos. Haraway separa o termo “*responsability*” em dois elementos, “*response*” e “*ability*”, enfatizando sua concepção de responsabilidade como também a capacidade de resposta, de ação, de agência. No entanto, para que permaneçamos capazes de resposta, precisamos lidar com a seguinte questão:

¹⁰ Tradução nossa. No original: “It is in the study of literature (...) that one comes to recognize the nature and priority of the third realm (...) the realm of that which is neither merely private and personal nor public in the sense that it can be brought into the laboratory or pointed to. You cannot point to the poem; it is “there” only in the re-creative response of individual minds to the black marks on the page. But—a necessary faith—it is something in which minds can meet.”

Como podemos pensar em tempos de urgências sem os autoindulgentes e autoconcretizáveis mitos de apocalipse, quando cada fibra do nosso ser está sendo entrelaçada, e até cúmplice, nas redes de processos que precisam ser, de alguma forma, engajadas e repadronizadas?¹¹ (p. 35)

Não é possível pensarmos de fora do antropoceno e do capitaloceno¹², ou escolhermos, simplesmente, não participar mais dessas ordens institucionalizadas. Assim, permanecer agente, permanecer capaz de resposta a partir de uma realidade que parece tão absolutamente fora do nosso controle e na qual estamos tão emaranhados demanda, para Haraway (2016), a habilidade de permanecer com o problema.

Haraway (2016) propõe que, ao invés de nos entregarmos ao futurismo tecnocrata que acredita que a solução para todos os problemas da humanidade será encontrada no avanço da tecnologia, ou entregarmo-nos a uma postura desesperançosa que nos faz crer que é tarde demais para mudarmos o rumo da nossa história, nós sejamos capazes de permanecer com o problema. Isso quer dizer manter a nossa capacidade de encarar e teorizar sobre as complexas contradições do nosso denso presente, e assim caminharmos em direção ao futuro que queremos.

O que Haraway (2016) chama de SF é em si é um amálgama de práticas de teorização que nos permitem permanecer com o problema. Nessa sigla para para *Science Fiction*, Haraway também acopla uma série de estratégias de permanência com o problema e de continuidade de agência: “fabulação especulativa”, “feminismo especulativo”, “fato científico”, e “*string figures*”, que podemos traduzir como “cama de gato”.

A “cama de gato” surge aqui como uma importante representação desse pensar-agir. Conhecemos como “cama de gato” aquela brincadeira na qual, com um barbante, desenhamos figuras enrolando-o nas nossas próprias mãos, passando-o à diante para que outra pessoa faça um novo desenho a partir daquele. Esse, para Haraway, um exercício de continuidade e uma prática de interdependência de nossa formação de significados. Ao criar uma figura e estender minhas mãos a você, exijo uma resposta; tal resposta será baseada naquelas formas que eu

¹¹ Tradução nossa. No original: “How can we think in times of urgencies without the self-indulgent and self-fulfilling myths of apocalypse, when every fiber of our being is interlaced, even complicit, in the webs of processes that must somehow be engaged and repatterned?”

¹² Haraway se utiliza dos termos “antropoceno” e “capitaloceno” de forma crítica, reconhecendo suas limitações para encapsular e descrever, de forma suficiente, o momento histórico no qual vivemos. Ambas descrevem conjunturas geohistóricas a partir de focos diferentes, o primeiro dando maior atenção à centralidade do humano no uso de recursos naturais e na remodelação da Terra, e o segundo dando maior enfoque aos danos advindos especificamente do modo de produção capitalista.

entrego, as quais serão apropriadas e transformadas por outras mãos. “Queiramos ou não, o desenho está nas nossas mãos.¹³” (p. 35-36). A prática da SF é em si, portanto, um exercício de continuidade, carregando ideias de mãos em mãos através de um barbante e do toque.

Contar histórias, para Haraway (2016), é, portanto, uma forma de pensar, e de fazer do pensar um *pensar-com*, que rompe com o “excepcionalismo humano e o individualismo limitado” que já se tornaram “impensáveis” no sentido de “impossíveis de se pensar¹⁴” (p. 30). Contar histórias que fujam ao excepcionalismo humano é prover novos pensamentos com os quais se pensar, novas ferramentas com as quais contar novas histórias que tornarão possíveis novas realidades na medida em que possibilitam novos pensares.

Para pensar o papel do contar histórias na produção de novos pensares, Haraway (2016) lança mão do ensaio intitulado *The carrier bag theory of fiction* (2019) de Ursula K. Le Guin. Para Haraway, Le Guin

compreende a necessidade de mudar a história, de aprender, de alguma forma, a narrar – a pensar – fora do conto dos Humanos na História, quando o conhecimento de como matar uns aos outros – e juntamente uns com os outros, incontáveis multitudes da Terra viva – não é escasso. Pensar nós precisamos; precisamos pensar. Isso significa, simplesmente, que nós precisamos mudar a história; a história precisa mudar.¹⁵ (p. 40)

Para pensar como histórias podem mudar a História, Le Guin concebe narrativas como bolsas ou garrafas: como coisas que contêm outras coisas. Ela nos diz:

(...) o formato natural, apropriado, de um romance pode ser o de um saco, uma bolsa. Um livro carrega palavras. Palavras carregam coisas. Elas trazem significados. Um romance é um pacote de remédios, carregando coisas em uma relação particular e poderosa umas com as outras e conosco.¹⁶ (LE GUIN, 2019, p. 34).

¹³ Tradução nossa. No original: “Whether we asked for it or not, the pattern is in our hands.”

¹⁴ Tradução nossa. No original: “impossible to think with”.

¹⁵ Tradução nossa. No original: “understands the need to change the story, to learn somehow to narrate—to think—outside the prick tale of Humans in History, when the knowledge of how to murder each other—and along with each other, uncountable multitudes of the living earth—is not scarce. Think we must; we must think. That means, simply, we must change the story; the story must change.”

¹⁶ Tradução nossa. No original: “the natural, proper, fitting shape of the novel might be that of a sack, a bag. A book holds words. Words hold things. They bear meanings. A novel is a medicine bundle, holding things in a particular, powerful relation to one another and to us.”

Nesse sentido, a literatura é sim uma ferramenta e uma ferramenta de outro tipo: ela não causa o impacto de um martelo, ou a perturbação no solo de uma pá, mas sim carrega ideias, carrega formas e significados, possibilitando que outras formas e outros significados sejam criados a partir deles, disseminando outros conhecimentos sobre a realidade que não apenas o muito disseminado conhecimento, como observou Haraway (2016), de matar uns aos outros.

A SF, para Haraway (2016), tem exatamente esse papel, e é um papel que é, também, para Le Guin (2019), uma potencialidade de toda a literatura, não apenas da Ficção Científica

A ficção científica propriamente considerada, como toda a ficção séria, independentemente do quão engraçada seja, é uma forma de descrever o que está, de fato, acontecendo, o que as pessoas de fato fazem e sentem, como as pessoas se relacionam com todo o resto nesse vasto saco, essa barriga do universo, esse útero de coisas que ainda serão e túmulo de coisas que já foram, nessa história sem fim.¹⁷ (LE GUIN, 2019, p. 37).

Essa descrição exercida pela ficção científica, pela SF como uma rede tecida com os fios de “*speculative fabulation, speculative feminism, science fiction, and scientific fact*” (HARAWAY, 2016, p. 101), é capaz de indicar caminhos de recuperação real para vida na Terra, para o cultivo da responsabilidade e da capacidade de resposta. Como Haraway (2016) nos diz: “A recuperação ainda é possível, mas apenas em alianças multiespécies, para além das divisões mortais entre natureza, cultura e tecnologia e de organismo, linguagem e máquina¹⁸” (p. 117-118).

Existe uma urgência, coloca Haraway (2016), de que novos mundos sejam semeados. As sementes, pensando tanto com Haraway quanto com Le Guin, podem ser carregadas por essas bolsas espaçosas que são os romances, e sua germinação cultivada pela SF, pela cama de gato formada por ficção científica, feminismo especulativo, fabulação especulativa e fato científico. Dessa forma e com essas lentes, olharemos para as sementes que a duologia *Monge e Robô* carrega, e os mundos que é capaz de semear.

¹⁷ Tradução nossa. No original: “Science fiction properly conceived, like all serious fiction, however funny, is a way of trying to describe what is in fact going on, what people actually do and feel, how people relate to everything else in this vast sack, this belly of the universe, this womb of things to be and a tomb of things that were, this unending story.”

¹⁸ Tradução nossa. No original: “Recuperation is still possible, but only in multispecies alliance, across the killing divisions of nature, culture, and technology and of organism, language, and machine.”



“Um pacote de remédios”: um olhar para a duologia *Monge e Robô*

O único continente de Panga foi dividido ao meio seguindo-se a um dos eventos definidores da história dessa lua: o Despertar das Máquinas. Durante a chamada Era das Fábricas, o funcionamento contínuo dos complexos industriais era possibilitado pela da mão robótica, até o dia em que esses robôs adquirem consciência. Ao despertarem, os robôs decidem se retirar da sociedade humana, isolando-se no que restou da área verde do planeta. Seu desejo era conhecer “aquilo que não tem um propósito¹⁹” (CHAMBERS, 2021, p. 2), ou seja, viver na natureza selvagem.

De onde veio a consciência dos robôs é um mistério largamente discutido pelos acadêmicos de Panga, sem que, séculos depois, tenham chegado a uma conclusão. Outro mistério que permanece é se o quase colapso trazido pela produção constante da Era das Fábricas teria sido parado caso a mão de obra não tivesse, subitamente, se tornado indisponível como aconteceu. Perguntas sem respostas fazem parte do problema com o qual deve-se permanecer, e fato é que o Despertar é o evento catalisador da Transição, quando os habitantes de Panga repensam e remodelam a sua relação com as espécies e formas de vida com as quais partilham aquele continente e a vida.

Era uma divisão louca, se você parar para pensar: metade das terras para uma única espécie, a outra metade para centenas de milhares de outras. Mas os humanos tinham uma facilidade para tirar as coisas do equilíbrio. Encontrar um limite que eles obedeceriam era vitória o suficiente.²⁰ (CHAMBERS, 2021, p. 18-19).

Essa divisão imperfeita reflete a tendência ao desequilíbrio que vulnerabiliza as espécies as quais se veem forçadas a compartilhar seu espaço com os humanos. Em termos de reparação dos danos, o melhor que a espécie humana pode oferecer é ainda insuficiente. Ainda assim, uma agência limitada ainda é melhor que agência nenhuma.

A narrativa se passa, então, séculos após esse Despertar, e no que seguimos Dex e seu companheiro robô pela cidade, vilarejos e povoados de Panga, somos apresentados a esse novo

¹⁹ Tradução nossa. No original: “that which has no design”.

²⁰ Tradução nossa. No original: “It was a crazy split, if you thought about it: half the land for a single species, half for the hundreds of thousands of others. But then, humans had a knack for throwing things out of balance. Finding a limit they’d stick to was victory enough.”

funcionamento da vida, aos valores dessa sociedade, e ao que os humanos precisam. Temos, em Dex, moradore da área povoada de Panga, uma pessoa habituada com aquele *status quo*, com aquela forma de vida. Em Mosschap, encontramos um interlocutor estrangeiro, estranho, que a todo momento requer explicações sobre como e por que as coisas funcionam nesse mundo, e, ao questionar Dex, faz com que elu mesmo lance um novo olhar sobre aquilo com o qual já estava habituado. É dessa forma, através do diálogo, que robô e mongie do chá vão colocando em relação os elementos que essa bolsa formada pelas duas novelas, *A psalm for the wild-built* (2021) and *A prayer for the crown-shy* (2022), carregam; da mesma forma, colocam-nas em relação com o leitor. Darei atenção, no espaço que me resta, a esses elementos e ao barbante que os conectam.

Progresso, evolução e involução

Dex viaja em uma *ox-bike*, uma bicicleta elétrica onde tanto máquina quanto pessoa trabalham em conjunto para movê-la. O petróleo deixa de ser um recurso utilizado, substituído por fontes renováveis de energia e matéria-prima. Na única grande cidade de Panga, o transporte se dá a pé, de bicicletas elétricas e, para distâncias mais longas, monotrilhos magnéticos.

A quase que completa eliminação do uso do papel leva ao desenvolvimento de um computador de bolso cuja durabilidade permite com que cada pessoa, com a manutenção adequada, tenha um único computador durante toda a vida. E não é apenas o computador de bolso que é preservado dessa forma. Nessa lua, nenhum objeto é descartável: o cuidado aplicado aos membros da comunidade é também estendido aos bens materiais e tudo o que se utiliza é valorizado. Quando se faz necessário substituir um objeto ou adquirir algo novo, eles são confeccionados conforme a demanda, seja por artesãos, seja por impressores²¹ espalhados nos vilarejos maiores. O modo de produção do capitaloceno, que valoriza o crescimento constante e a produção constante de bens de consumo, é aqui substituído pela ideia de “involução” e “decréscimento” tecnológico que inverte a lógica capitalista. A produção serve à vida, e não o contrário.

A agricultura é também otimizada de forma não a produzir mais, mas a produzir *melhor*. O cultivo de alimentos acontece através de fazendas verticais ou por pomares em telhados

²¹ No primeiro livro da duologia, vemos Dex se referir a “printers”, que pode ser lido como o objeto “impressoras”. No segundo livro, vemos que “printers”, na verdade, faz referência não a impressoras 3D, mas aos artesãos e artesãs que, por vezes, se utilizam dessa tecnologia para fabricar os objetos necessários à comunidade sob demanda.

verdes nas cidades, e da policultura nas cidades-satélites que circundam a capital. Esse recurso à policultura permite, através da diversidade do cultivo, que se crie “uma química mágica no solo²²” (CHAMBERS, 2021 p. 20). De certa forma, essa policultura do solo reflete também a policultura dos afetos vividos em Panga, pois as famílias não são mais unidades nucleares centralizadas em progenitores e progênie consanguínea, mas uma rede de afetividades românticas, platônicas e familiares que se formam a partir do cuidado partilhado. Tal cultivo afetivo garante também uma química mágica que potencializa a formação de vínculos ao invés do esgotamento de recursos que promove a monocultura.

É importantíssima a relação de cuidado estabelecida com o solo pelos assentamentos florestais. Tal cuidado depende não apenas da boa vontade dos humanos que lá vivem para abrir mão de certos confortos, quanto de sua criatividade para garantir um bem-viver que inclui as espécies com as quais partilham aquele ambiente.

O solo da floresta (...) é uma coisa viva. Vastas civilizações residem nesse mosaico de terra (...). Era ali que você encontraria a engenhosidade da decomposição, a plenitude dos fungos. Perturbar essa vida através da escavação era uma violência - embora às vezes necessária, como demonstrado pelos pássaros e gambás que empurravam, impetuosos, o húmus fora do caminho em busca de uma barriga cheia. Ainda assim, os residentes humanos eram bastante judiciosos quanto ao que constituía uma verdadeira necessidade, e, assim, perturbavam o solo o mínimo possível.²³ (CHAMBERS, 2021, p. 26).

Os assentamentos florestais existem, por isso, acima do solo, em casas penduradas nas árvores, construídas com madeira recuperada ou de árvores caídas. Nesse cenário, diversas inovações são feitas nas casas para a otimização da luz e dos recursos naturais, com janelas grandes, claraboias e digestores de biogás conectados nas sozinhas. Ao mesmo tempo, cada

²² Tradução nossa. No original: “all working in concert to create chemical magic in the soil”.

²³ Tradução nossa. No original: “A forest floor (...) is a living thing. Vast civilizations lay within the mosaic of dirt (...) Disturbing these lives through digging was a violence—though sometimes a needed one, as demonstrated by the birds and white skunks who brashly kicked the humus away in necessary pursuit of a full belly. Still, the human residents of this place were judicious about what constituted actual necessity, and as such, disturbed the ground as little as possible.”

casa tem uma característica própria, “um pequeno capricho”: pequenas formas de tornar aquela coisa sua.

Através das descrições de como a tecnologia é (re)pensada em Panga a partir do cuidado, do respeito e da judiciosidade, vemos que o critério para a avaliação daquilo que é ou não considerado progresso é revisitado e subvertido. Se em um pensamento antropocêntrico o progresso é medido com centralidade na vida e no conforto humanos, em Panga vemos o progresso ser julgado a partir do quão harmoniosamente o humano convive com o não humano. Se de acordo com uma racionalidade capitalista o progresso é medido a partir do sonho de evolução e crescimento constantes, em Panga podemos ver a valorização da “involução” e do “decrecimento” tecnológico a partir de um repensar das coisas que consideramos realmente necessárias à sobrevivência e ao bem-viver humano e mais-que-humano.

Economia, trabalho e cuidado

Nessa sociedade, o comércio e o trabalho ainda existem, mas tomam uma forma diferente a partir de valores distintos. O comércio é realizado tanto através da troca de objetos em si quanto pela troca de créditos chamados de “*digital pebbles*”, ou “*pebs*”.

Quando Mosschap chega, em *A prayer for the crown-shy* (2022), aos vilarejos para fazer sua pergunta – “Do que os humanos precisam?” – ele recebe pedidos práticos de ajuda, como consertar algo, ou ajudar em tarefas da casa. Em troca, o robô recebe *pebs*, como se estivesse sendo pago por um serviço. Dex precisa esclarecer que as *pebs* não são exatamente o que o dinheiro costumava ser antes da transição. Descobrimos, pela explicação de Dex, que as *pebs* são um sinal de gratidão pelo quanto uma pessoa ajuda sua comunidade e participa dela, uma medida do impacto que essa pessoa tem ao seu redor.

Em uma sociedade saudável, uma pessoa saudável contribuirá, dentro de suas capacidades e possibilidades, para o ambiente em que vive. Em uma sociedade saudável, uma pessoa saudável participará do jogo da interdependência, pois estará motivada para tanto. Nesse contexto, a “pobreza”, a falta de *pebs*, toma outro significado. Nas palavras de Dex:

Ninguém deveria ser barrado das suas necessidades e confortos apenas porque não têm o número certo ao lado do seu nome. (...) Todo mundo tem um balanço negativo às vezes, por vários motivos. E tudo bem. Faz parte do ritmo das coisas. Mas se alguém tem um saldo negativo muito grande... bem, isso quer dizer que eles precisam de ajuda. Talvez estejam doentes. Ou emperrados

em um mesmo lugar. Talvez algo esteja acontecendo em casa. Ou talvez seja apenas um desses momentos em que as pessoas precisam que os outros as carreguem por um tempo. (...) Se eu visse um amigo que estivesse muito no vermelho, eu faria questão de ver se está tudo bem.²⁴ (CHAMBERS, 2022, s/p).

Uma pessoa com saldo negativo de *pebs* é, nesse sentido, um canário em uma mina: sinaliza que algo está em desequilíbrio, e que esse desequilíbrio precisa ser endereçado em conjunto

Dessa forma, ninguém acumula mais do que precisa e ninguém é penalizado por não conseguir contribuir. A lógica da escassez do capital foi substituída, em Panga, pela lógica da abundância que serve não aos objetivos da acumulação progressiva ditada pela ordem social e econômica do capitalismo, mas sim para a satisfação das necessidades de todos e de cada um. Isso se dá a partir de uma organização social que possui um sistema que serve àqueles que organiza, em oposição ao sistema que nos é mais familiar, que expropria a vida humana para servir ao sistema. Em Panga, a economia serve à vida, e não o contrário.

Descanso, conforto e bem-viver

Dex começa a sua jornada nessa narrativa deixando sua vocação antiga para se tornar um monge do chá. Monges do chá servem a Allalea, deus dos pequenos confortos, e seu trabalho é passar de vilarejo em vilarejo ouvindo pessoas, acolhendo seus problemas e oferecendo chá. Pensemos a função social de cuidado desses monges, parte institucionalizada da ordem social de Panga: como parte de sua prática, esses monges servem chá para as pessoas pelas cidades onde passam; esses chás são feitos para entregar àqueles que os buscam o conforto do qual precisam, e o beber do chá é acompanhado pela escuta empática. Naquele momento, o monge do chá permanece com seu interlocutor e com seus problemas, sem buscar resolvê-los, mas com o objetivo de acolhê-los. Esses pequenos confortos não custam muito, e não precisam violentar ou agredir o ambiente: uma caneca de chá, uma almofada confortável para se sentar, música e conversa genuína.

²⁴ Tradução nossa. No original: “Nobody should be barred from necessities or comforts just because they don’t have the right number next to their name. (...) Everybody has a negative balance from time to time, for lots of reasons. That’s fine. That’s part of the ebb and flow. But if someone had a huge negative ... well, that says they need help. Maybe they’re sick. Or stuck. Maybe they’ve got something going on at home. Or maybe it’s just one of those times when they need other people to carry them for a while. (...) If I saw a friend’s balance and it was way in the red, I’d make a point of checking in.”

É importante também percebermos a forma como o cuidado do outro também está relacionado ao cuidado de si na filosofia de Panga. Em momentos de autocuidado, Dex toca o símbolo de Allalea em torno do seu pescoço, partilhando conosco outro lembrete: “Acolha o conforto, pois sem conforto você não consegue permanecer forte.”²⁵ (CHAMBERS, 2022, s/p.) O dizer, parte da cultura de Panga, nos chama a atenção para o fato de que a ascese e a negação das necessidades do corpo e do espírito, para essa sociedade, não são o caminho para a força. A força, ao contrário, está na vulnerabilidade, na dependência dos seres sobre os outros, na possibilidade de descansar quando se precisa e saber que os outros ajudarão.

Desta forma, podemos perceber que a nossa passagem por Panga é a passagem por uma ordem social na qual a vulnerabilidade de toda a vida não é apagada em favor do individualismo radical do capital, mas sim reconhecida como parte integrante da forma como nos relacionamos uns com os outros, sejam esses outros humanos ou não humanos. Tal dependência destaca o fato de que é necessário para nossa sobrevivência adaptemos o ambiente ao nosso redor, em certa medida, de forma a garantir as condições de proteção e conforto necessárias para que a vida humana prospere.

Identificar-nos como parte da natureza e como animais não implica em ignorar nossa vulnerabilidade física aos perigos representados pela fauna, flora e elementos que nos cercam. Contudo, o objetivo dos habitantes de Panga não é alcançar a invulnerabilidade, mas sim coexistir com outras criaturas, construindo realidades onde nossa própria vida possa prosperar sem prejudicar as demais. Por isso, é possível que ainda seja necessário realizar, em certa medida, atividades que possam ser consideradas certo tipo de “violência” contra o solo ou a caça de animais. No entanto, é a nossa revisão do que consideramos violência necessária a partir de novos critérios que será, como é para os habitantes da lua que observamos através do romance de Chambers, nossa bússola moral. Em Panga, o critério do “bem-viver” é medido pela eficácia com que a felicidade de seus habitantes permite a coexistência e o bem-estar daqueles seres com os quais compartilham o mundo. O cuidado é destinado à preservação de toda a vida, e não apenas à nossa própria.

²⁵ Tradução nossa. No original: “welcome comfort, for without it, you cannot stay strong.”

Considerações finais

Pensando com Haraway (2016) e Le Guin (2019), e até com e *contra* Snow (1961), vemos que a literatura pode ser uma ferramenta poderosa de educação imaginativa. Contra o fatalismo desesperançoso que tende a acometer muitos de nós em tempos de crise, que nos faz acreditar que nada se pode e nada se deve fazer, a literatura é uma bolsa espaçosa capaz de carregar sementes importantes para a expansão do nosso imaginário sobre o que é e o que é possível.

O encontro com o mundo aparentemente perfeito e harmonioso de Panga nos revela o trabalho duro e intencional de uma sociedade que decide permanecer com o problema de “viver e morrer bem uns com os outros em um presente denso”. Nos mostra que, para que exista uma continuidade de nossas vidas, precisamos mudar não apenas como nos portamos em nosso mundo compartilhado, mas como o concebemos, como pensamos sobre ele, e quais valores determinam sucesso e fracasso, progresso e regresso.

Panga é uma lua que pode parecer muito distante do nosso planeta e da nossa conjuntura geo-histórica, mas se olharmos bem e com atenção, e se levarmos a sério o que nos disse Le Guin, que a Ficção Científica descreve o que pensamos, sentimos e fazemos hoje, seremos capazes de acessar, para além da fruição e do escapismo, um conhecimento sobre outras formas de organização e outras formas de viver que são não apenas plenamente possíveis como também já praticadas. Quando o conhecimento sobre como matar uns aos outros é facilmente acessível, histórias como as contadas por Becky Chambers nos aproximam de um conhecimento de outro tipo: uma epistemologia do bem-viver.

Acessar o conhecimento carregado nessa bolsa requer também que modulemos nossas concepções de conhecimento. O conhecimento produzido na e pela SF é um conhecimento em processo, contínuo ao invés de acabado, polifônico ao invés de unívoco. Uma forma em barbante entre duas mãos estendidas que encoraja que a peguemos e criemos outras imagens, passando-as a diante.

REFERÊNCIAS

- CASSIANO, Ophelia. Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR), 2019. Disponível em: <<https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- CHAMBERS, Becky. *A psalm for the wild-built*. New York: Tordotcom, 2021.
- _____. *A prayer for the crown-shy*. New York: Tordotcom, 2021.

- HARAWAY, Donna J. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.
- LE GUIN, Ursula K. *The carrier bag theory of fiction*. London: Ignota, 2019.
- MARX, William. *The hatred of literature*. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018.
- SNOW, C. P. *The Two Cultures and the Scientific Revolution*. New York: Cambridge University Press, 1961.